

Guerra Fria e a lição de Bush

Joseph S. Nye*

O Presidente dos Estados Unidos, George Bush, recentemente criou uma analogia entre o confronto com a *jihad* terrorista e a Guerra Fria. Estava correto em um aspecto: ondas de terrorismo tendem a acontecer em gerações. Infelizmente, como no conflito silencioso que marcou o século XX, a atual “guerra ao terror” será uma questão de décadas e não de anos. O presidente, no entanto, perdeu outra lição implícita em sua analogia: a importância do *soft power* da cultura. A Guerra Fria foi vencida pela combinação de poder militar (a *détente* contra a agressão soviética) e o poder das idéias ocidentais. Quando o Muro de Berlim caiu em 1989, martelos e tratores o puseram abaixo, e não a artilharia. Infelizmente, Bush não aprendeu esta lição.

O intercâmbio acadêmico e científico durante a Guerra Fria representou um importante papel no fortalecimento do *soft power* da América. Enquanto alguns norte-americanos céticos temiam que cientistas e agentes da KGB pudessem roubar segredos tecnológicos, deixaram de perceber que os visitantes aspiravam mais idéias políticas do que planos científicos. Muitos se tornariam, depois, lideranças a favor dos direitos humanos e da liberalização da URSS.

Mais de 50 mil soviéticos – escritores, jornalistas, funcionários de governo, músicos, dançarinos, atletas e acadêmicos – visitaram os EUA entre 1958 e 1998. Aleksandr Yakovlev foi fortemente influenciado pelos seus estudos na Uni-

versidade Columbia, em 1958. Yakovlev retornou para ser membro do Politburo e peça-chave na influência liberal sobre Mikhail Gorbachev. Oleg Kalugin, um dos mais altos postos da KGB, assumiu, em uma conversa em 1997:

“O intercâmbio foi o Cavalo de Tróia para a URSS. Representou um papel tremendo na erosão do nosso sistema. E continuou infectando mais e mais pessoas ao longo dos anos.”

Bush fez uma revisão no enorme programa de vistos que cortou muitos intercâmbios, particularmente os com países islâmicos.

A cultura popular foi um ponto forte durante a Guerra Fria. Muitos intelectuais a desdenham devido ao seu comercialismo. Estão errados, porque o entretenimento de massas quase sempre contém imagens e mensagens sobre individualismo, escolhas dos consumidores e outros valores com grande efeito político intrínseco.

O cinema de Hollywood, por exemplo, inclui sexo, violência e materialismo, mas não é tudo. Os filmes também retratam a vida na América, aberta, cheia de mobilidade, individualista, antiestablishment, pluralista, populista e livre. Como definiu o poeta Carl Sandburg, em 1961: “Como pode Hollywood ser mais importante que Harvard? A resposta é: não é tão limpa como Harvard, mas está quase chegando lá.”

A linha entre informação e entretenimento não é clara como alguns intelectuais imaginam, mas muito difusa. Algumas letras de músicas populares têm efeito político. Mensagens também podem ser percebidas na forma como equipes esportivas e estrelas se comportam, ou nas imagens pulverizadas pela televisão e pelo

* Cientista político, decano da John F. Kennedy School of Governments, na Universidade Harvard, e ex-subsecretário de Defesa dos EUA.

cinema. Fotos transmitem valores de forma mais poderosa do que palavras. Mesmo o consumo de *fast food* pode trazer recado implícito. Como aquela família da Índia descrevendo sua visita ao McDonald's como um "pedaço da América". Embora a URSS restringisse e censurasse filmes ocidentais, aqueles que conseguiram ser vistos no país causaram efeitos políticos devastadores. Um jornalista comentou, certa vez, depois de assistir à mostra restrita de filmes que criticavam as políticas bélicas nucleares norte-americanas:

"Ficamos chocados. Começamos ali a entender que as mesmas coisas poderiam acontecer a nós e a eles em caso de uma guerra nuclear."

O público soviético que assistia a filmes com temas apolíticos, da mesma forma, viu que as pessoas no Ocidente não esperavam horas em filas para comprar comida, não precisavam viver em apartamentos comunitários e podiam escolher os próprios carros. Tudo isso era uma forma de desacreditar a visão negativa do sistema liberal pregada pela mídia oficial. Até o *rock'n roll* fez a sua parte, como reconheceria um dos assessores de Gorbachev, anos mais tarde:

"Ouvir os Beatles era a nossa maneira silenciosa de rejeitar o sistema enquanto nos conformávamos à maior parte de suas demandas."

Autoridades comunistas da Tcheco-Eslôvquia (hoje são dois países separados) conde-

naram um grupo de 150 pessoas à prisão na década de 1950 por "*tocar fitas com a decadente música norte-americana*", mas seus esforços se tornaram contraproducentes. Em 1980, depois que John Lennon foi morto, um monumento a ele surgiu espontaneamente em Praga, e cada aniversário de morte era o marco para uma passeata pela paz e pela democracia. Em 1988, os organizadores fundaram a ONG Lennon Peace Club, que exigia a saída das tropas soviéticas do país. Era Lennon derrotando Lenin.

A Guerra Fria foi vencida pela mistura de *hard power* e *soft power*. Nem todas as fontes desse último foram norte-americanas – basta ver o papel da BBC e dos Beatles. Mas poderia ser um erro ignorar o papel da cultura popular.

Um detalhe precisa ser bem analisado. As culturas da Europa eram mais similares entre si do que são as culturas islâmicas. Em alguns círculos fundamentalistas e entre terroristas, o Ocidente evoca repulsa, não atração. Mas mesmo no Irã, onde os mulás descrevem a América como "o Grande Satã", os mais jovens assistem a filmes de Hollywood em casa. Pesquisas realizadas no mundo islâmico mostram que a produção cultural dos EUA é um elemento de atração para a maioria moderada. É a política norte-americana que leva à impopularidade. Bush deveria aprender a sair do caminho e encorajar maiores e mais freqüentes contatos entre os povos. ☉

(Publicado no *Jornal do Brasil* de 23/10/2005)